

5 Conclusão

Espreitou o rio pela janela e não entendeu as lanternas de navegação das chalupas e das naus, substituídas por um grande espaço negro atravessado pelos candeeiros da ponte. [...] a Terra que se transformara num deserto seco de ondas e de tágides, onde mesmo o vento dos búzios tinha por fim desaparecido.

(António Lobo Antunes, *As naus*)²⁴²

não temos de nos preocupar senhor ministro acabou-se, que pretos, que fazenda, que diamantes, apenas madeixas do algodão no que deve ter sido Angola, [...]

(António Lobo Antunes, *Boa tarde às coisas aqui em baixo*)²⁴³

Ao término deste estudo, após a leitura dos textos de Lobo Antunes trazidos aqui para discussão, concluímos que o escritor promove novos olhares para a história comum que envolve Portugal e Angola, produzindo “transformações qualitativas da nossa visão da história”²⁴⁴.

Ao longo desse trabalho, analisamos parte de uma obra que compreende vertentes históricas ligadas à descolonização da África no fim do século XX, evidenciando, desse modo, a aproximação da literatura à realidade social. Mostramos como Lobo Antunes, enquanto intelectual, por meio da sua escrita, dialoga com traços do imaginário que o indivíduo contemporâneo português enfrentou.

No decorrer da dissertação **Portugal e Angola: imagens pós-coloniais na ficção de António Lobo Antunes**, observamos processos histórico-culturais que têm, na Revolução de Abril, um marco central que aponta para a derrocada progressiva de uma idéia de Império colonial. De modo magistral, Lobo Antunes rompe com os pressupostos do governo salazarista quando põe em cena, em seu romance *As naus* (1988), imagens emblemáticas da história marítima de Portugal, libertando a história portuguesa da capa mítica de que o Estado Novo se utilizou para impor uma versão que interpretaria como uma missão divina a ação dos portugueses em África.

²⁴² ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 233.

²⁴³ _____. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 353.

²⁴⁴ SCHAFT *apud* LE GOFF, Jacques. “História”. In: *História e Memória* / trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 33.

O jogo promovido pelo escritor, ao longo desse romance, em nada o afastou de cumprir a proposição ideológica de gerações de escritores, de intelectuais, de artistas, de ex-combatentes e de estudantes que acabavam de *florescer* com os Cravos de Abril e que se propunham a reconstruir uma sociedade democrática, livre de qualquer vestígio da política salazarista: ou seja, a lançar valores que não correspondessem e não reproduzissem aqueles disseminados pelas quase cinco décadas do Estado Novo.

Em seguida, apreendemos na ficção de *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003) o momento em que os portugueses se tornaram partes de um cenário de uma Angola devastada, em que a violência gerada pelos treze anos de conflito colonial, herança da truculência da autoridade colonizadora somada ao acirramento das tensões ligadas à Guerra Fria, sobressaem no contexto pós-colonial angolano. Nesse sentido, concordamos com o escritor moçambicano Borges Coelho que esclarece que o “potencial de violência”²⁴⁵ construído particularmente em Angola após a independência, tem a sua origem, assim como em Moçambique, no contexto histórico da guerra colonial. Um conflito que, visando a manutenção da ocupação territorial portuguesa em solo africano, militarizou a sociedade angolana, recrutando angolanos e produzindo, desse modo os *Flechas*²⁴⁶, que se tornaram os alvos preferenciais durante os intensos e longos conflitos civis da realidade pós-colonial angolana. De acordo com o escritor moçambicano, por detrás do “conflito colonial existiam já elementos importantes das guerras civis que se seguiram.”²⁴⁷

Os apontamentos críticos aqui destacados acerca do trauma pós-colonial vivenciado pelo indivíduo contemporâneo tanto em Portugal como exalta o romance *As naus*, como em Angola, destacado no texto de *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, não constituem conclusões definitivas em torno da crise instalada

²⁴⁵ COELHO, João Paulo Borges. “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta”. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencepobordeaux.fr/borges2003.pdf>. Acesso em 17 de janeiro de 2008, p. 175.

²⁴⁶ O escritor Borges Coelho no artigo “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta” menciona que os *Flechas* em Angola se referem aos angolanos que integravam a tropa africana privativa da PIDE – Polícia Internacional e de defesa do Estado (polícia secreta portuguesa da época de Salazar), p.185. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf> Acesso em 17 de janeiro de 2008.

²⁴⁷ COELHO, João Paulo Borges. “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta”, p. 177. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencepobordeaux.fr/borges2003.pdf> Acesso em 17 de janeiro de 2008.

nesses espaços pós-coloniais, abrindo, desse modo, a possibilidade de ampliá-las em um momento futuro.

Neste estudo, que agora chega à sua conclusão, ativemo-nos aos processos pelos quais o escritor António Lobo Antunes nos oferece imagens de traumas que tiveram imensos custos sociais e que abarcaram as histórias pós-coloniais portuguesa e angolana. Como vimos, com *As naus*, Lobo Antunes focaliza alegoricamente o regresso de milhares de colonos anunciando o declínio do último Império Europeu, deixando em seu rastro não mais uma terra vermelha, com a sua cor rubra, mas sim uma terra “amarela”²⁴⁸, esbranquiçada pela miséria, que o terror do conflito civil fez germinar no solo angolano independente.

²⁴⁸ ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 421.